



## **Teoria versus realidade: a pronúncia de Inglês como Língua Franca e o aprendiz adulto**

### **Theory versus reality: the pronunciation of English as Lingua Franca and the adult learner**

Leonardo Silva Duarte (UTFPR)<sup>1</sup>

Andressa Brawerman-Albini (UTFPR)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa é investigar as visões do aprendiz adulto iniciante a respeito da pronúncia de inglês no contexto de Inglês como Língua Franca (ILF). Considerando que um aspecto bastante forte de identidade dos falantes é o sotaque e que no contexto de ILF é comum entre os falantes o desejo de manter seus sotaques, este trabalho se propõe a verificar as visões dos aprendizes adultos por meio de questionário e analisá-las à luz dos pontos chave das teorias: noções atuais da influência da língua inglesa; identidade dos falantes; sotaques dos falantes não nativos e inteligibilidade. Após análises, identificou-se que entre os 16 aprendizes iniciantes que responderam ao questionário, vários já têm a noção de que o inglês hoje é uma língua global, enquanto que muitos ainda o veem como pertencente a uma nação. A maioria dos participantes apresenta uma forte posição de identidade como brasileiros falantes de inglês. A respeito dos sotaques, grande parte procura atingir a pronúncia nativa, escolhe a variação estadunidense e considera o fator de inteligibilidade o mais importante durante comunicações, julgando o sotaque não nativo menos inteligível. Com este trabalho, espera-se demonstrar que, apesar das teorias de ILF serem bastante disseminadas no meio acadêmico, dentro da sala de aula os aprendizes têm visões que nem sempre correspondem às teorias.

**Palavras-chave:** Inglês como Língua Franca; Identidade; Inteligibilidade; Sotaque; Aprendiz Adulto.

**ABSTRACT:** The aim of this research is to investigate beginner adult learners' views on English pronunciation in the context of English as a Lingua Franca (ELF). Regarding that a very strong identity aspect of the speakers is the accent, and that in the context of ELF the willing to keep the accent is common among the speakers, this study proposes to verify the adult learners' views through a questionnaire and analyze them in the light of the key points of ELF theories: current notions of English language influence, identity of the speakers, non-native speakers' accents, and intelligibility. After the analysis, it was found that, among the 16 beginner learners that answered the questionnaire, several of them already understand English as a global language today, whereas some of them still see it as belonging to a specific nation. The majority of the participants show a very strong identity position as Brazilian English speakers. About the participants' accents, a big part of them seeks to achieve native-like pronunciation, chooses the American variation and considers the intelligibility factor as the most important during communications, judging the non-native accent less intelligible. Through this study, it is hoped to demonstrate that although ELF theories are widely disseminated in academia, in the classroom learners have some views that do not always correspond to theories.

**Keywords:** English as a Lingua Franca; Identity; Intelligibility; Accent; Adult Learner.

## **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: lduarte@alunos.utfpr.edu.br.

<sup>2</sup> Professora Doutora no Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. E-mail: andbraw@utfpr.edu.br.

A partir da segunda metade do século XX, com o advento da globalização, o inglês tem se difundido internacionalmente em um crescimento acelerado, sendo frequentemente usado como idioma principal em conferências internacionais, reuniões de negócios e encontros políticos (JENKINS, 2007). Nas palavras de Rajagopalan (2004), referir-se ao inglês como língua mundial tornou-se um clichê nos dias atuais, visto que desde a década de 80, linguistas e historiadores como Kachru (1985) e Quirk (1985) já percebiam a tamanha dimensão que a língua inglesa havia tomado. Dado que o número de falantes não nativos de inglês ultrapassa o de falantes nativos, Graddol (2006) levanta a questão “quem é o falante nativo?”.

É dentro desse ambiente histórico de teorias de globalização do inglês que o tema desta pesquisa se relaciona, em virtude dessas teorias habitarem o universo acadêmico e, por vezes, não alcançarem a realidade de sala de aula de ensino de inglês. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar as visões do aprendiz adulto iniciante a respeito da pronúncia de inglês no contexto de Inglês como Língua Franca, visto que estes costumam apresentar noções diversas a respeito do *status* da língua inglesa, bem como terem múltiplos pontos de vista quanto às suas pronúncias de inglês. Esta pesquisa se propõe a verificar essas visões por meio de um questionário e analisá-las à luz dos seguintes pontos-chave: noções atuais de *status* da língua inglesa; identidade dos falantes; sotaques dos falantes não nativos e inteligibilidade.

Para fins de organização, este trabalho é composto de uma seção de teorias fundamentais que dão base para as seções seguintes, a metodologia adotada e as análises e discussões dos resultados, estruturadas retomando a divisão das teorias. Ao final, uma seção de considerações finais apresenta de forma conclusiva as discussões dos resultados.

## **2. Inglês como Língua Franca e implicações**

Nesta seção serão apresentadas as principais teorias a respeito do Inglês como Língua Franca bem como as teorias que as integram com a pronúncia do inglês. Serão também apresentadas as concepções dos falantes de Inglês como Língua Franca, como os princípios de identidade dos falantes, algumas noções de sotaques, a atitude dos falantes sobre sotaques e questões de inteligibilidade.

### *2.1. Inglês como Língua Franca*



A partir de meados do século XX, a língua inglesa tem se espalhado internacionalmente tomando proporções globais. Entre os falantes não nativos de inglês ocorreu um fenômeno que mudou a maneira de se perceber as comunicações: pronúncias tidas como não padrão foram aceitas e normalizadas. Uma série de termos foi cunhada para expressar esse fenômeno da língua inglesa: Inglês como Língua Franca, Inglês como Língua Internacional e Inglês como Língua Global (ou Inglês Global). Em concordância com Walker (2010) e Jenkins (2000), neste artigo será adotado o termo Inglês como Língua Franca (doravante ILF).

Em sua essência, o termo língua franca significa “uma língua de contato usada por pessoas que não compartilham da mesma língua materna”<sup>3</sup> (JENKINS, 2007, p.1)<sup>4</sup>. A proposta de uma língua franca tende a abraçar um grande número de formas tidas como não padrões. É interessante observar que até o mesmo o plural de *lingua franca* é, ele mesmo, tecnicamente não padrão. Por ser um termo em latim, seu plural padrão seria *linguae francae* (KIRKPATRICK, 2011). A primeira língua franca que existiu era o pidgin, que tinha o propósito de auxiliar os comerciantes em partes do Mediterrâneo durante a Idade Média, baseava-se no italiano e tinha elementos de diversas outras línguas das regiões próximas (WALKER, 2010). O latim também já foi por tempos um exemplo de língua franca.

Considerando o Inglês como língua franca, Seidlhofer (2011) o define como “qualquer uso de Inglês entre falantes com diferentes primeiras línguas para quem o Inglês é o meio comunicativo de escolha e frequentemente a única opção”<sup>5</sup> (p.10). A autora, em trabalhos anteriores, elenca algumas características léxico-gramaticais que os falantes de ILF costumam realizar, como não conjugar os verbos na terceira pessoa (deixando de lado o -s); colocar no plural alguns substantivos que não tem plural e estender os usos de certos verbos para cobrir mais significados (especialmente *make, do, have, put, take*) (SEIDLHOFER, 2004). Anteriormente, esses traços dos falantes de ILF eram vistos como simples “erros”, mas estudos de Jenkins (2000) e Seidlhofer (2004) começaram a relevar que a gramática, o léxico e a fonologia de ILF demonstram certos

---

<sup>3</sup> [*lingua franca*] is a contact language used among people who do not share a first language

<sup>4</sup> As citações deste trabalho foram traduzidas pelos autores e as originais encontram-se em notas de rodapé.

<sup>5</sup> [ELF] as any use of English among speakers of different first languages for whom English is the communicative medium of choice, and often the only option.



padrões que não estão na norma dos falantes nativos, mas não apresentam nenhum obstáculo para uma comunicação de sucesso (WALKER, 2010).

## 2.2. Pronúncia do Inglês como Língua Franca

Walker (2010) apresenta dois objetivos fundamentais das línguas: a comunicação – tendo em vista que todas as línguas têm uma função comunicativa – e a identidade, visto que os falantes reconhecem a si mesmos, a seus grupos sociais e os distinguem dos outros através da língua e, por isso, é comum ocorrer o desejo de manter os sotaques. Essa segunda finalidade, quando atrelada ao ILF, pode constituir um problema, já que esses falantes, que muitas vezes são indivíduos de regiões diferentes, possuem sotaques distintos e, caso optem por manter esses sotaques, a finalidade comunicativa pode sofrer alguma deformação.

Por essas e outras razões, o autor indica dois principais objetivos para que professores de ILF tenham em mente: identidade e inteligibilidade mútua. O primeiro pode parecer um conceito simples, mas, em concordância com Becker (2012, 2013, 2014), é na realidade um “construto complexo” que não dispõe de um consenso entre os pesquisadores da área, mas pelo sendo comum, conceitua-se como o que se compreende bem. Uma das definições mais adotadas é a de Munro e Derwing (1995), que afirmam que “a inteligibilidade refere-se à medida que um enunciado é entendido de fato”<sup>6</sup> (p.281). Jenkins (2000) traz a inteligibilidade como fonológica e a define como “um conjunto de características unificadoras que, no mínimo, tem o potencial de garantir que a pronúncia não impeça a comunicação bem-sucedida nas configurações do ILI [inglês como língua internacional]”<sup>7</sup> (JENKINS, 2000, p. 95). Há, ainda, autores que trazem um terceiro objetivo: a ensinabilidade (DALTON; SEIDLHOFER, 1994; JENKINS, 2000). Este se refere à impossibilidade de ensinar todos os aspectos relativos à pronúncia de outra língua. Dalton e Seidlhofer (1994) afirmam que alguns aspectos devem ser deixados sem a intervenção do professor.

Com o objetivo de propor um núcleo pedagógico de inteligibilidade fonológica para os falantes de ILF, Jenkins (2000) apresenta o *Lingua Franca Core* (LFC), em que prioriza algumas características, identificadas como geradoras de impedimento à inteligibilidade

---

<sup>6</sup> *Intelligibility refers to the extent to which an utterance is actually understood.*

<sup>7</sup> *A set of unifying features which, at the very least, has the potential to guarantee that pronunciation will not impede successful communication in EIL settings.*



mútua<sup>8</sup>. Ela considera em que medida os falantes de ILF necessitam “substituir as transferências fonológicas por outras formas” e até que ponto é “viável para eles manterem suas variedades de L1”<sup>9</sup> (JENKINS, 2000, p. 124).

Com isso, foram identificadas cinco áreas essenciais para manter uma inteligibilidade mútua: (1) Inventário de consoantes; (2) Requisitos fonéticos (e.g. aspiração); (3) encontros consonantais (*clusters*); (4) duração das vogais e (5) posicionamento do *nuclear stress*. (JENKINS, 2000, p.132, 159; Id. 2007, p.23). A autora afirma, entretanto, que o LFC terá futuros aprimoramentos e sua intenção com a delimitação do LFC é mover o ensino da pronúncia para perspectivas relevantes para as necessidades dos falantes, garantindo a inteligibilidade fonológica mútua.

### 2.3. O falante de ILF

#### 2.3.1. Identidade do falante

Como já mencionado, a identidade é uma das finalidades básicas das línguas. Nesse sentido, Joseph (2004) observa que a palavra “identidade” tem sido usada como o senso de “quem se é” e acrescenta que “nossas identidades, sejam individuais ou coletivas, não são ‘fatos naturais’ sobre nós, mas são coisas que construímos – uma ficção, de fato”<sup>10</sup> (Ibid., p.6). Jenkins (2007) investiga esse aspecto humano e afirma que a identidade linguística é um fenômeno complexo e relacionado ao fenômeno da globalização.

Na perspectiva de Inglês como Língua Franca, uma característica marcante dos falantes é o sotaque. Walker (2010) declara que “os sotaques nos identificam, não só como indivíduos, mas também como membros de um grupo particular”<sup>11</sup> (p.13). Por esse motivo, muitas pessoas relutam em deixar seus sotaques. O autor afirma que adolescentes – por estarem passando por uma fase complicada da vida – podem se sentir ameaçados por serem feitos soar como um falante nativo.

#### 2.3.2. Sotaques e pronúncias padrão

---

<sup>8</sup> Em 40 exemplos de não entendimento durante comunicações, 27 eram de pronúncia.

<sup>9</sup> ... to replace phonological transfer with other forms [...] and the extent to which it is feasible for them to retain their L1 varieties.

<sup>10</sup> [...] our identities, whether group or individual, are not ‘natural facts’ about us, but are things we construct – fictions, in effect.

<sup>11</sup> Accents identify us not just as individuals, but also as members of a particular group.



É importante ter em mente ao que o termo *sotaque* se refere. Lippi-Green (2012) entende sotaque como um fenômeno fonético e que este se refere a duas variedades da mesma língua quando suas diferenças são restritamente fonológicas. Ao abordar inglês como segunda língua, a autora comenta que os sotaques de falantes não nativos são, sobretudo, o avanço da fonologia da língua nativa na língua alvo. De fato, sotaques têm a capacidade de marcar a identidade de um sujeito e, por isso, falantes de ILF – não somente – são frequentemente identificados por suas características linguísticas. Todos os falantes têm sotaques, não importando suas origens e na fala o sotaque é a característica concreta mais imediata de se reconhecer (WALKER, 2010). Todavia, alguns sotaques são considerados tendo mais prestígio que outros – raiz do preconceito linguístico.

Um movimento de padronização da pronúncia inglesa cresceu em meados do século XIX na Inglaterra. Encorajados pelos jornais da época, havia-se a intenção de ensinar às classes mais baixas – que eram a maioria da população - a pronúncia chamada *Received Pronunciation* (RP), que era falada pela classe alta do país, e isto serviria como ferramenta de ascensão social – uma falácia (TARROJA BARRIO; LLURDA, 2015). Semelhantemente, nos EUA o mesmo acontecia. Com a intenção de criar a identidade estadunidense – diferenciando-se da britânica – a pronúncia *General American* (GA) foi criada. No século seguinte (século XX), essa ideologia monolingual foi amplamente propagada e, conseqüentemente, as outras variedades foram estigmatizadas (TARROJA BARRIO; LLURDA, 2015). Criou-se, então, o mito do falante ideal e, em vista disso, falantes de outras variedades de inglês comumente buscam soar como um falante nativo de inglês.

Lippi-Green (2012) menciona que existe um “mito da língua padrão” e faz uma curiosa comparação quando afirma que pessoas “normais” (os não linguistas) poderiam descrever um inglês padrão da mesma maneira que descreveriam um unicórnio ou um personagem de ficção científica, já que são descrições do imaginário.

### **2.3.3. Sotaques: atitude e identidade**

Seja qual for o sotaque, nativo ou não, padrão ou regional, ele faz parte da identidade dos indivíduos e perdê-lo pode significar perder parte de si mesmo. A partir do “mito do não sotaque”, Lippi-Green (2012) explica que é quase impossível perder um sotaque, visto que este não é uma unidade desconexa do desenvolvimento da linguagem,

mas está ligado ao sistema linguístico dos falantes e cada elemento dele está relacionado a outros elementos fonológicos.

Jenkins (2007) questionou falantes de inglês de diversas partes do mundo que têm familiaridade com sotaques não nativos – por serem países que usam o ILF – sobre sotaques internacionais. Seu questionário foi enviado para vários países, como Áustria, Brasil, China, Alemanha, Japão, etc. A partir de sua pesquisa, ela identificou em que medida os participantes percebem os sotaques de inglês como pertencentes a uma hierarquia de qualidade. A autora constatou que os sotaques ranqueados nas primeiras posições foram o britânico e o estadunidense. O sotaque brasileiro, por sua vez, foi ranqueado nas últimas posições.

No contexto brasileiro de pesquisas, AUTOR (2013) relatam que durante uma experiência de contato entre assistentes de ensino de inglês norte-americanos e alunos de Letras, as atitudes dos alunos em relação aos falantes nativos foi negativa no primeiro momento. As autoras acrescentam que alguns alunos tinham muita insegurança e viam o falante nativo como “exemplo de perfeição e meta a ser alcançada” (AUTOR *et al.*, 2013, p. 41).

#### **2.3.4. O falante não nativo e a inteligibilidade**

Outro argumento a favor da padronização da pronúncia de inglês que causa um comportamento discriminatório é o que Munro (2003) se refere como a “estereotipagem dos sotaques”. Pelo fato de falantes não nativos de inglês apresentarem maior dificuldade em se fazer entendidos, muitos nativos desqualificam o sotaque não nativo e acreditam que esse seja menos inteligível. O que é, novamente, uma falácia, já que diversos estudos comprovaram que ser falante nativo não é um fator decisivo para comunicações bem-sucedidas em ILF, bem como ser um não nativo – ainda que com sotaque forte – não reduz significativamente a inteligibilidade (MUNRO; DERWING, 1995; MUNRO, 2003; JENKINS, 2009; TARROJA BARRIO; LLURDA, 2015).

Esse sentimento de falta de inteligibilidade é comum entre falantes não nativos de inglês. Suas posições a respeito da inteligibilidade dos falantes de seus próprios grupos são, por vezes, desfavoráveis e, por isso, justificam buscar a pronúncia nativa (DERWING; MUNRO, 2005; JENKINS, 2007). É importante destacar que o aprendiz de



inglês tem a opção de aproximar sua pronúncia da de um nativo, entretanto é preciso tomar cuidado para evitar preconceito linguístico com a pronúncia não nativa.

A partir das teorias revisadas acima, a Seção 4 apresenta a metodologia, descrevendo o método escolhido para a pesquisa, os instrumentos coleta de dados e os sujeitos pesquisados.

### **3. Metodologia**

Visando atender o objetivo desta pesquisa, foi elaborado um questionário (Anexo 1) contendo uma seção de dados pessoais dos participantes e outra com 11 questões sobre pronúncia de inglês baseadas em Jenkins (2007) e Walker (2010). O instrumento foi aplicado a 16 aprendizes adultos do Básico 1 (primeiro semestre) do Centro de Línguas de uma universidade federal do Sul do Brasil.

Para obter informações sobre os sujeitos, foram questionados: (1) idade, para delimitar somente os aprendizes adultos; (2) curso, visto que o tema da pesquisa é na área de ensino de línguas, os alunos que cursam Letras poderiam apresentar visões influenciadas pelo curso; (3) e-mail, caso fosse preciso entrar em contato com os participantes; (4) tempo estudando inglês e (5) se eles já haviam viajado para outro país. Das questões sobre pronúncia de inglês, sete são abertas (sendo três de justificativa e quatro de descrição), três fechadas e uma de ranqueamento, seguindo modelos de Seliger e Shohamy (1989).

A fim de identificar algumas questões que poderiam gerar dúvida ou desconforto nos participantes (DÖRNYEI, 2003), um estudo piloto foi aplicado para sete participantes. Feitas as necessárias alterações, o questionário final seguiu para sua aplicação efetivamente. O questionário foi, então, respondido individualmente por 16 alunos do nível básico com idades entre 18 e 38 anos. Todos estudavam inglês há pelo menos quatro meses e seis deles já haviam viajado internacionalmente.

No que diz respeito à escolaridade dos alunos, três dos 16 não são alunos da universidade. Dos outros 13 alunos, sete eram de Engenharias, dois de Letras, dois de Administração, um de Matemática e um de Design.



Após apresentada a metodologia da pesquisa, a Seção 5 tratará das observações e investigações das visões dos aprendizes adultos de inglês. As análises trarão consigo a retomada das teorias.

#### 4. Análise e discussão dos resultados

Fundamentando-se nas teorias de pronúncia de Inglês como Língua Franca (JENKINS, 2000; 2007; 2009; WALKER, 2010; MUNRO, 2003; DERWING; MUNRO, 2005), as análises dos questionários dividem-se em quatro temas: noções atuais de *status* da língua inglesa; questões de identidade; atitude em relação aos sotaques e inteligibilidade.

##### 4.1. Noções atuais do *status* da língua inglesa

Sobre esta perspectiva, a questão número 1 do questionário dialoga diretamente com as noções atuais de *status* da língua inglesa, questionando se os alunos acreditam que exista uma pronúncia de inglês perfeita. Três alunos responderam que sim, todavia em uma das justificativas o termo “pronúncia mais adequada” apareceu, reconsiderando a afirmação inicial. Uma das respostas que chamou a atenção foi a do Participante H, pois retoma a imagem perfeita do falante nativo, o que Graddol (2006) apropriadamente questiona “quem é o falante nativo?”. O Participante H acredita que sim, existe uma pronúncia de inglês perfeita e justifica que “alguém que tem [o inglês] como língua nativa pronuncia perfeitamente”, revelando a crença do falante nativo detentor da língua.

Por outro lado, a maior parte dos alunos (13) acredita que não há uma pronúncia perfeita. O Participante E afirma não ser possível “O inglês perfeito”<sup>12</sup> e o Participante I não acredita que “o inglês seja mais uma língua pertencente a uma nação”, o que é possível relacionar com o fato do número de falantes não nativos ser maior do que o de falantes nativos.

##### 4.2. Questões de identidade

As opiniões sobre identidade dos falantes é algo amplamente pesquisado e no contexto de ILF esse aspecto é bastante intenso. Walker (2010) afirma que os falantes se identificam a si mesmos e a seus grupos sociais através da língua e sustenta que falantes não nativos relutam em deixar seus sotaques por medo de perderem suas identidades.

---

<sup>12</sup> Com ênfase no artigo o.

No questionário aplicado, as questões que se relacionam com a identidade do falante são as de número 10 e 11.

Quando questionados se achavam necessário tentar perder o sotaque ao falar inglês (questão 10), somente um dos participantes respondeu que sim, enquanto que todos os outros não veem necessidade em tentar perder seus sotaques. O Participante C menciona que nossos sotaques são “nossas marcas linguísticas” e declara (questão 11) que se fosse reconhecido como brasileiro pelo sotaque ao falar inglês, diria “eu sou brasileira mesmo”. O Participante I afirma, na questão 10, que “é sempre bom ter sotaque, pois isso faz parte da personalidade”. Isso demonstra uma questão forte de identidade dos alunos.

A questão 11 investiga o sentimento dos participantes se fossem reconhecidos como brasileiros através de seus sotaques falando inglês. As respostas revelaram que todos os participantes se sentem à vontade – ou pelo menos não se incomodam. As respostas mais frequentes foram “normal”, “indiferente” e “sem problemas”.

#### *4.3. Atitude em relação aos sotaques*

As questões que estão mais conectadas com a discussão a respeito dos sotaques – tanto de falantes nativos quando não nativos – são as perguntas 4, 5 e 6. Na questão 4, em que os alunos são perguntados se procuram atingir a pronúncia de um falante nativo, metade dos participantes respondeu que sim.

Ao mesmo tempo, a questão 6 investigava a qual variedade de inglês os alunos dão maior preferência na fala. Do total, 14 participantes selecionaram a variedade estadunidense como aquela a que dão maior preferência na fala, três selecionaram a variedade britânica também; um selecionou somente a britânica; um selecionou as variedades estadunidense e canadense e dois selecionaram nenhuma das variedades. Esses resultados demonstram a preferência dos alunos pela variedade dos Estados Unidos e esta indica uma provável falta de familiaridade, contato ou conhecimento das outras variedades, mas uma proximidade grande com a variedade estadunidense. Pode demonstrar também a maior influência do inglês estadunidense no processo de ensino-aprendizagem desses participantes. O Participante O, por exemplo, acredita não existir uma pronúncia de inglês perfeita (questão 1) e justifica dizendo que “tem o inglês Americano e o inglês Europeu”.

Na questão de número 5, quando questionados se acreditam que é preciso soar como falante nativo para viajar para um país com inglês como primeira língua, 100% dos participantes responderam que não. Apesar disso, o Participante P responde que “Não [...] claro que quanto mais próximo à fala de um nativo significa uma melhor pronúncia, um melhor inglês”. Essa resposta ratifica o relato de AUTOR *et al.* (2013) em que os alunos viam o falante nativo como “exemplo de perfeição e meta a ser alcançada” (p. 41).

Respostas como essas expõem a atitude dos alunos em relação às pronúncias padrão, tidas como únicas corretas, denominado por Lippi-Green (2012) como o “mito da língua padrão”. Isso também apareceu na questão 10 quando o Participante O foi o único que afirmou achar necessário tentar perder seu sotaque, devido ao fato de desejar aproximar sua pronúncia à de um nativo - “então tenho que tentar perder o sotaque”, o que Lippi-Green (2012) denomina como “mito do não sotaque”.

#### 4.4. Inteligibilidade

As questões 2, 3 e 8 são as que envolviam o tema da inteligibilidade mais diretamente. As questões 9 e 10 se mostraram também dentro desse tema, mas de forma menos direta. É importante ressaltar que o termo *inteligibilidade* não aparece em nenhum momento no questionário, mas as palavras *compreender* e *entender* – e derivações – são usadas indistintamente, no mesmo sentido.

Sabe-se que a “estereotipagem dos sotaques” (MUNRO, 2003) é quando falantes nativos de inglês desqualificam os sotaques não nativos, vendo-os como menos inteligíveis, o que Munro e Derwing (1995) e Jenkins (2009) refutam ao afirmarem que mesmo com um sotaque forte, um falante não nativo consegue ser perfeitamente entendido, retomando o *Lingua Franca Core* como orientação para comunicações no contexto de ILF a fim de garantir a inteligibilidade mútua. Algumas respostas do questionário, entretanto, mostram que a realidade em sala de aula ainda é que os alunos acreditam que sotaque em todos os casos causa má compreensão.

A questão número 2 pedia para os alunos descreverem uma pronúncia ruim. A maioria das respostas situou-se na questão de a pronúncia ser ou não entendida/compreendida. O Participante E descreve como aquela “que não é possível de ser compreendida por um nativo da região do inglês que se procura falar”. Outro ponto levantado pelos alunos foi sobre o primeiro objetivo das línguas: a comunicação

(WALKER, 2010). O Participante H caracteriza uma pronúncia ruim como aquela que é “incapaz de estabelecer uma comunicação”. O Participante L qualifica “a pronúncia que dificulta a compreensão e o entendimento” como ruim. Já o Participante B, ao invés de descrever uma pronúncia ruim, afirma que “desde que esteja certa a pronúncia, [que] dê para compreender, ela é válida”.

Na questão número 3, que pedia para os alunos descreverem uma boa pronúncia, o Participante G descreve uma boa pronúncia como aquela que “apesar do sotaque, é compreensível por diversos falantes de inglês de várias localidades” e uma pronúncia ruim como aquela que “poucos falantes de inglês entendem”. O Participante B caracteriza uma boa pronúncia como “correta e de boa compreensão” e o Participante N descreve como “aquela que permite a comunicação”. Essas respostas revelam a preocupação com a comunicação e a inteligibilidade.

Na questão número 9, que investigava o sentimento dos alunos ouvindo um falante não nativo falando inglês com sotaque forte, a resposta do Participante E foi: “Acho um pouco estranho, mas contanto que seja possível compreender o que está sendo dito, não me incomoda”. O Participante G, caso entenda o que está sendo dito, sente-se bem ao ouvir um falante não nativo com sotaque forte.

Na questão 10<sup>13</sup>, quando questionado se acreditava necessário tentar perder seu sotaque, a resposta do Participante G foi: “Não. Porém é necessário esforçar-se para ser compreendido o melhor possível, para que se evite ambiguidade ou impressões indesejadas”. O Participante K entende que “o importante é conseguir se comunicar de forma eficaz”, dando atenção a função comunicativa das línguas.

Esses exemplos corroboram com os estudos de Munro e Derwing (1995) e Jenkins (2007), que afirmam que mesmo em comunicações entre falantes não nativos o sentimento de “não ser entendido” é comum.

A questão número 8 pedia para os alunos imaginarem que estavam conversando em inglês com alguém de outro país que não tem inglês como língua oficial e selecionarem a afirmação que melhor os descrevia entre as seguintes opções:

---

<sup>13</sup> Novamente a questão 10, pois em algumas respostas os alunos demonstraram preocupação com as questões de inteligibilidade.

- “Tento falar as palavras sem nenhum erro de pronúncia, mas foco na gramática.”
- “O importante é se comunicar, mesmo que eu cometa vários erros.”
- “Se eu não tiver certeza que estou pronunciando corretamente, eu nem falo.”
- “O mais importante é entender e ser entendido. Erros podem acontecer, mas não me impedem de falar.”
- “Eu sempre busco soar como um falante nativo.”

As respostas dessa questão foram quase unânimes. A afirmação “O mais importante é entender e ser entendido. Erros podem acontecer, mas não me impedem de falar.” foi escolhida 14 vezes, sendo duas vezes selecionada junto com a afirmação “O importante é se comunicar, mesmo que eu cometa vários erros”. Esta última foi selecionada quatro vezes (duas sozinha e duas com a afirmação anterior).

Portanto, observa-se que, a grande maioria dos participantes valoriza o entendimento mútuo e por isso, várias respostas evidenciaram um receio de incompreensibilidade da parte dos alunos.

A partir destas análises e discussões, a Seção 6 será introduzida visando retomar as questões introdutórias da pesquisa encaminhando-as para uma finalização.

## **5. Considerações finais**

A partir das investigações das visões dos aprendizes adultos iniciantes de inglês, por meio de um questionário, pondo-as sob a luz das teorias de pronúncia de Inglês como Língua Franca, constatou-se que as visões dos alunos a respeito de suas pronúncias são favoráveis, destacando o forte poder de identificação dos sotaques. Entretanto, quando relacionadas com as pronúncias dos falantes nativos, essas visões se revelaram tendo ainda uma dependência das pronúncias nativas, com uma supervalorização da qualidade do inglês (principalmente o norte-americano).

Respondendo ao título deste trabalho (“teoria versus realidade”), as teorias de globalização do inglês se mostraram coerentes com a realidade constatada, já que a grande maioria dos alunos não vê mais o inglês como pertencente a uma nação. Portanto, no aspecto de noções atuais e *status* da língua inglesa, as teorias condizem com a realidade. Todavia, os resultados parecem apontar que as teorias que comprovam a eficácia na comunicação entre falantes não nativos de inglês (com sotaques bem



marcados como recurso de identidade) – base das teorias de ILF – corresponderam, na realidade de sala de aula, como sendo a maior incerteza e preocupação entre os alunos (não ser entendido/compreendido), o que parece demonstrar que as teorias ainda não alcançaram a realidade de sala de aula. É importante ressaltar que essa visão que certos alunos têm em relação ao inglês perfeito ou ao falante nativo é geradora de receios, frustrações e, até mesmo, traumas, podendo dificultar a aprendizagem. Neste caso, a figura do professor é de suma importância para mostrar diferentes opções aos alunos e diminuir o peso da tentativa de falar “corretamente” ou de forma “perfeita”.

Conclui-se que, em geral, os alunos responderam positivamente às suas próprias pronúncias de inglês e demonstraram fortes questões de identidade, apesar de terem certo receio de não serem inteligíveis pelo fato de manterem seus sotaques. Espera-se que este trabalho traga contribuições para as discussões a respeito do ensino de pronúncia do inglês, tanto para professores quanto para alunos de Licenciatura. Devido à dimensão que o inglês tomou no mundo globalizado e ao patamar que as pronúncias antes tidas como “incorretas” chegaram, para que fossem aceitas e hoje ensinadas, é fundamental que as práticas de ensino permitam o compartilhamento das teorias, proporcionando ao aprendiz o poder de escolha e de declaração e conservação de sua identidade.

Assim como o *status* da língua inglesa mudou no último século e tem mudado nas últimas décadas, as teorias acompanham esse movimento. Sugere-se, então, que trabalhos futuros contemplem as novas teorias e se proponham a investigar também o outro lado da sala de aula: o professor. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se tornará mais sólido, expondo mais amplamente os alunos a diferentes “opções de fala/sotaque”, o que pode diminuir o medo e a ansiedade de falar “errado” e facilitar o processo de comunicação.

## **REFERÊNCIAS**

BECKER, M. R. O construto “Inteligibilidade” da língua Inglesa sob o paradigma de língua franca. **Anais do X Encontro do CELSUL** – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, p. 1-10, 2012



\_\_\_\_\_. **Inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma da Língua Franca: Percepção de discursos de falantes de diferentes L1s por brasileiros.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

AUTOR (2013)

AUTOR (2014)

DALTON, C.; SEIDLHOFER, B. **Pronunciation.** Oxford: Oxford University Press, 1994.

DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. Second language accent and pronunciation teaching: A research-based approach. **Tesol Quarterly**, v. 39, n. 3, p. 379-397, 2005.

DÖRNYEI, Z. **Questionnaires in second language research: Constructing, administering, and processing.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

GRADDOL, D. **English Next: Why Global English May Mean the End of 'English as a Foreign Language'.** British Council, 2006.

JENKINS, J. **The phonology of English as an international language.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **English as a lingua franca: Attitude and identity.** Oxford: Oxford University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. (Un)pleasant? (In)correct? (Un)intelligible? ELF Speakers' Perceptions of Their Accents. In: MAURANEN, A; RANTA, E. (Org.). **English as a lingua franca: Studies and findings.** Cambridge Scholars Publishing, p. 1-29, 2009.

JOSEPH, J. **Language and identity: National, ethnic, religious.** New York: Palgrave Macmillan, 2004.

KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. G. (Ed.) **English in the world: teaching and learning the language and literatures.** Cambridge University Press, p. 1-6, 1985.

KIRKPATRICK, A. English as an Asian lingua franca and the multilingual model of ELT. **Language Teaching**, v. 44, n. 2, p. 212-224, Cambridge University Press, 2011.



LIPPI-GREEN, R. **English with an accent: Language, ideology, and discrimination in the United States**. 2. ed., New York: Routledge, 2012.

MUNRO, M. J.; DERWING, T. M. Processing time, accent, and comprehensibility in the perception of native and foreign-accented speech. **Language and speech**, v. 38, n. 3, p. 289-306, 1995.

MUNRO, M.J. A Primer on Accent Discrimination in the Canadian Context. **TESL Canada Journal**, v. 20, n. 2, p. 38-51, 2003.

QUIRK, R. The English language in a global context. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. G. (Ed.) **English in the world: teaching and learning the language and literatures**. Cambridge University Press, p. 11-30, 1985.

RAJAGOPALAN, K. **The concept of 'World English' and its implications for ELT**. *ELT Journal*, v. 58, n. 2, p. 111-117, 2004.

SEIDLHOFER, B. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. **Annual review of applied linguistics**, v. 24, p. 209-239, 2004.

\_\_\_\_\_. **Understanding English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SELIGER, H. W.; SHOHAMY, E. G. **Second language research methods**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TARROJA BARRIO, N.; LLURDA, E. **Accent, intelligibility and discrimination of non-native speakers of English**. (Projeto Final), Universidade de Lleida. Facultat de Lletres, Espanha, 2015.

WALKER, R. **Teaching the pronunciation of English as a lingua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2010.



## ANEXO 1

### QUESTIONÁRIO

- Idade: \_\_\_\_\_
- Curso: \_\_\_\_\_
- E-mail: \_\_\_\_\_
- Há quanto tempo estuda inglês: \_\_\_\_\_
- Já viajou para outro país? Se sim, qual? Por quanto tempo? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1. Você acredita que exista uma pronúncia de inglês perfeita?

Sim

Não

1.1 Por quê? \_\_\_\_\_

2. Como você descreveria uma pronúncia ruim?

3. E como descreveria uma boa pronúncia?

4. Você procura atingir a pronúncia de um falante nativo (aquele cujo país de origem tem Inglês como língua oficial)?

Sim

Não

5. Para viajar para um país onde se fala inglês como primeira língua é preciso soar como um nativo?

Sim

Não

5.1 Por quê? \_\_\_\_\_

6. A qual variedade de inglês você dá maior preferência na sua fala?

Estadunidense

Outra

Britânica

Qual? \_\_\_\_\_

Australiana

Canadense

Indiana

Nenhuma

7. Classifique os aspectos de pronúncia que você considera mais importantes para uma boa comunicação (sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante - **não repita nenhum número**):

- Entonação
- Ritmo
- Sílabas tônicas das palavras
- Sons das consoantes
- Sons das vogais

8. Imagine que você está conversando em inglês com alguém de outro país que não tem Inglês como língua oficial. Qual dessas afirmações melhor descreve você?

- Tento falar as palavras sem nenhum erro de pronúncia, mas foco na gramática.
- O importante é se comunicar, mesmo que eu cometa vários erros.
- Se eu não tiver certeza que estou pronunciando corretamente, eu nem falo.
- O mais importante é entender e ser entendido. Erros podem acontecer, mas não me impedem de falar.
- Eu sempre busco soar como um falante nativo.

9. Como você se sente quando ouve um não nativo falando inglês com um sotaque forte?

10. Brasileiros geralmente apresentam sotaque quando falam inglês. Você acredita que é necessário tentar perder seu sotaque?

10.1. Por quê?

---

---

11. Como você se sentiria se alguém reconhecesse que você é brasileiro pelo seu sotaque ao conversar em inglês?

Declaro que as afirmações acima são verdadeiras e concordo em participar da pesquisa.



Assinatura: \_\_\_\_\_

*Recebido em: 11/04/2019*  
*Aprovado em: 03/07/2019*